

Reflexões sobre os Museus no Século 21

Conferência proferida na Semana Nacional de Museus, no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, no dia 18.05.2009, no Museu de Astronomia e Ciências Afins, Rio de Janeiro -RJ.

W. Richard West Jr.*

Quando resignei à posição de Diretor do Museu Nacional do Índio Americano (National Museum of the American Indian - NMAI) em 2006, não pude evitar deslizar num certo estado de reflexão sobre a minha notável e abençoada jornada de cerca de 17 anos. Sob vários aspectos, a data de 17 de junho de 1990, início de meus trabalhos no NMAI, parecia ter ocorrido na véspera. Entretanto, eu sabia o quanto havia ocorrido nesse ínterim, resultando neste espaço nativo de hoje situado na cabeceira do National Mall, em Washington, D.C. É esta trajetória pessoal, institucional e cultural que desejo compartilhar hoje com vocês.

Como prefácio desta jornada, desejo apresentar dois pensamentos, talvez mais claros, hoje, em retrospecto, do que durante a minha Direção. Em primeiro lugar, falando em termos institucionais, o Museu Nacional do Índio Americano, não obstante sua notável e enfática presença física no National Mall, em Washington, D.C., é verdadeiramente a mais profunda expressão de uma idéia em termos concretos. A concepção desta instituição, que tem significantes implicações de ordem cultural, intelectual e museológica, é talvez o seu mais importante e duradouro legado.

Como todas as novas idéias, esta tem certamente algumas arestas ásperas e por vezes ilegíveis, que serão melhor reveladas e compreendidas através do tempo, com a evolução [da experiência]. Acrescento que estas arestas deslocam fronteiras e limites que podem parecer ameaças, ou realmente ameaçar algumas pessoas, acostumadas aos paradigmas clássicos e convencionais da museologia - o que talvez seja um modo gentil de dizer que o Museu Nacional do Índio Americano não é irrelevante nas eventuais contendas das comunidades museológicas e culturais. Mas ele enfrenta essas discussões e controvérsias com inegável e - em minha opinião, convincente - rigor e integridade intelectuais.

Minha segunda observação preliminar é de cunho mais pessoal e reflete um espírito totalmente justificado de humildade, relativo às minhas quase duas décadas no Museu Nacional do Índio Americano. Eu adoraria dizer que sempre soube o que sei agora sobre o significado e importância duradoura do Museu Nacional do Índio Americano. Mas esta afirmativa representaria uma falsa alegação de presciência de minha parte. Aprendi e cresci muito durante o período de criação do museu. A totalidade de meu aprendizado foi cumulativa e altamente dependente das influências e *insights* de outros, ao longo do caminho, tanto no âmbito do Museu Nacional do Índio Americano com fora dele.

E agora passemos ao tema principal desta tarde. Se eu tivesse que escolher um único aspecto que capturasse, ainda que de modo intuído, mais do que estudado, meu mais forte sentimento em 1990, tão completamente revelado no National Mall, este

* *Smithsonian Institution; Founding Director Emeritus of the National Museum of the American Indian, Washington, D.C.*

seria o axioma intelectual emitido com extrema propriedade por meu primeiro chefe na Smithsonian Institution, o ex-Secretário Roberto McCormick Adams. Foi, na época, uma recomendação visionária e fundamental, que permaneceu como fundamento para o NMAI.

Este é um museu nacional [que] leva em conta a permanência, a autenticidade, a vitalidade e autodeterminação das vozes dos índios americanos [...] como a realidade fundamental que deve representar. [Nós] nos movemos decisivamente da antiga imagem de museu como templo, com seu clero superior e auto-governante para um fórum comprometido não com a difusão do saber recebido, mas com o encorajamento de um diálogo multicultural.

Penso não ter compreendido, na época, a imensa relação e interconexão das duas partes do *constructor* intelectual do Secretário Adams - por um lado, o Museu Nacional como lugar de permanência da auto-representação e autodeterminação cultural; e por outro, a ampla proposição museológica do museu como fórum e as implicações conceituais e cívicas desse conceito. Entretanto, eu agora certamente as entendo.

É precisamente sobre a visão de Adams que desejo organizar nossa jornada aqui, hoje. Em primeiro lugar, discutirei o NMAI como penso que várias pessoas o tenham visto, na época em que o Congresso Nacional autorizou a sua criação - uma grande adição, à fabulosa Smithsonian Institution, de coleções do patrimônio cultural dos nativos americanos. O Congresso indicou ainda, em linguagem e história legislativa, que a América Nativa deveria ter um papel participatório e colaborativo no Museu Nacional do Índio Americano. Enfatizava-se, assim, a autodeterminação e 'auto-representação' culturais assinaladas na declaração de Adams. Mas toda essa inovação ainda remetia fundamentalmente ao quadro conceitual convencional de um 'museu', ainda que se admitisse [tratar-se de] um 'museu diferente', um 'novo palácio de coleções', se assim se pode dizer.

Assim sendo, em segundo lugar eu desejo discutir como esta liberação curatorial do espaço físico e intelectual do National Museum of the American Indian permitiu - na verdade, quase compeliu - a instituição a alcançar um território muito mais amplo e mais inovador. As relações colaborativas como os povos e comunidades nativos, intensa, metódica e consistentemente bilaterais, desde o conceito, fizeram do museu mais do que uma parada na rota do ônibus local e mais do que apenas a usual 'destinação cultural' ao longo da trilha dos museus do National Mall em Washington, D.C.

Em vez disso, ele tornou-se mais do que um espaço impregnado das belas e significativas coleções apresentadas de modo descritivo, didático e passivo. Mais do que isso, ele representa um lugar e um espaço de muito mais ampla dimensão e interação cívica e social, onde as coleções tornam-se não um fim em si mesmas, mas pontos de partida para idéias e temas que documentam larga, ampla e profundamente a América nativa, país indígena, e a totalidade da experiência nativa das Américas. Em outras palavras, tornou-se em conceito e nova forma museológica o fórum dialógico, já antevisto na sabedoria das nações recebida pelas aspirações de Robert Adams para o NMAI - quase o 'anti museu', para descrevê-lo de outra maneira.

Permitam-me voltar ao meu primeiro ponto de análise, olhando para o NMAI através de uma lente museológica para descrever sua natureza e propósito. Muito antes da qualquer tipo de programação tornar-se realidade em qualquer de suas instalações, uma longa série de consultas realizada no início dos anos 1990, cerca de 25 ou 30 delas num período de dois anos e meio a três anos, estabeleceu as importantes aspirações que serviram de guia [para o museu], conforme estabelecido na sua Declaração de Missão. Primeiramente, o NMAI vê os povos e comunidades nativos não como resíduo etnográfico, em estágio avançado de decadência ou risco, preparados para cair no estágio da história. Ao contrário, a América Nativa mantém um presente cultural e insistirá num futuro, possivelmente um futuro melhor. O NMAI é, portanto, uma instituição internacional de culturas vivas nativas das Américas. Em segundo lugar, sua apresentação, interpretação e representação desses povos, culturas e comunidades baseiam-se na invocação consistente e sistemática da voz autóctone dos povos nativos.

O 'como' dessas aspirações, ainda que redefinido de muitas maneiras diferentes através dos anos, a partir de 1990, tomou forma desde que o museu abriu sua sucursal, o George Gustav Heye Center, em Nova Iorque, em 1994, e foi implementado em escala mais ampla quando o NMAI foi inaugurado no National Mall, em Washington, em 2004. O processo iniciou-se com a organização da programação, incluindo exposições mais

específicas, organizadas não em torno das coleções *per se*, mas a partir de grandes idéias ou temas, baseados nas consultas prévias feitas às comunidades nativas nos anos de 1990. Comunidades nativas de todas as Américas foram convidadas a participar em todas as exposições, da seleção de objetos ao conteúdo específico das instalações realizadas individualmente pelas comunidades, no âmbito mais amplo dos temas e idéias transcendentais. No museu no National Mall, esta abordagem resultou em 24 instalações específicas representando comunidades Nativas de todas as Américas - 8 das Américas Central e do Sul, 4 das nações autóctones do Canadá e 12 dos Estados Unidos.

O processo produziu um museu com aspecto, sentido e conteúdo muito diferentes. Roger Kennedy, o Diretor Emérito do Museu Nacional de História Americana (National Museum of American History), da Smithsonian, num ensaio referente à abertura do NMAI no National Mall, em 2004, definiu o que via nos seguintes termos:

[A] questão aqui é que o Museu do índio é um museu dos índios vivos, apresentando sem rancor ou untuosidade algumas valiosas verdades sobre as pessoas nativas vivas, com um conjunto de experiência que é especial para estas pessoas, mas importante para o resto de nós.

(...)

Este é um espaço diferente. Não encontraremos etiquetas dizendo-nos que artista morto fez o quê, ou porque um objeto morto é considerado bonito, ou como foi autenticado por alguns especialistas como 'culturalmente significativo'. Os objetos foram selecionados, como o são em qualquer bom museu, porque são significativos e porque destacam a significação de outros objetos aos quais estão justapostos, mas ao final do dia este é um espaço de convivência, que trata de pessoas que são 'culturalmente significativas' [ênfase do autor].

Claire Smith, uma australiana estudiosa de comunidades indígenas de seu país, chegou à mesma conclusão em termos mais puramente antropológicos, em seu artigo para a revista *Arte e Antiguidade* (Art and Antiquity), intitulado "O Museu Nacional do Índio Americano: descolonizando o museu".

Este esquema de conhecimento ganha substância no modo pelo qual os objetos nas coleções [do NMAI] encontram-se descritos [nas exposições]. Os sistemas classificatórios do NMAI, derivados de leituras conceituais de mundo dos povos indígenas, revelam uma preocupação holística com as relações entre plantas, animais, humanos ou lugares tanto do passado como do presente. Isto é contrário aos sistemas classificatórios não-indígenas, e não se baseia no sistema de Lineu de similaridades de traços, nem na tradição do sistema de Cutter, que localiza os itens por lugares, adjacentes a outros itens com traços similares.

Além do "como" na abordagem do NMAI, a mais importante questão é seu "porque". A substância do "porque" é uma proposição diretamente intelectual, por mais complexa que possa ser sua articulação em museus; povos nativos das Américas vêm todas as coisas do mundo de modo diferente dos paradigmas da museologia ocidental. O nosso é, e sempre foi, um mundo fundamentalmente percebido como um todo, como acertadamente apontou o Prof. Smith, e não visto como dividido entre material e não-material, tangível e intangível.

Assim sendo, do ponto de vista nativo, o objeto musealizado não é mais importante, e talvez seja até menos importante, do que os processos que levaram à sua criação. São esses aspectos da vida e da cultura que falam mais completamente da integridade, da totalidade e da inteireza da vida de uma cultura nativa - as tradições, as músicas, as crenças espirituais, as práticas rituais e cerimoniais.

Acredito que o acesso a essa dimensão de significado nativo requer o envolvimento direto com aqueles que, de fato, vivem o patrimônio. Como enfatiza Richard Kurin, ex-Diretor do Centro de Tradições e Culturas Populares (Center for Folklife and Cultural Heritage), da Smithsonian Institution, em seu artigo "Museus e Patrimônio Intangível: cultura morta ou viva?", publicado no ICOM News:

Museus devem ter uma relação engajada, substantiva, com as pessoas que detêm esta herança. Esta parceira promove o compartilhamento da autoridade em definir tradições, e o compartilhamento da curadoria para a sua representação. Museus [não devem] esconder-se atrás de uma história de elitismo, de preconceito étnico ou de classe que tem afligido a instituição. Encarregados dos deveres de cooperação e respeito, museus

devem cruzar os limites que as vezes os mantêm 'acima e além' do povo em geral. Devem reconhecer que o conhecimento existe nas casas, nas vilas, nas favelas, nos campos, nas fábricas e nos salões sociais, bem como nos salões da Academia e nos seus museus. Devem ultrapassar os preconceitos das diferenças de classe e de gosto, reconhecendo a diversidade de estéticas e valores legítimos. Devem reconhecer e, em muitos casos, confrontar os preconceitos de etnicidade, linguagem e religião que podem impedi-los de interagir e apreciar as formas culturais de "outros" povos.

Mesmo os críticos de arte mais distinguidos podem reconhecer esses fundamentos do pensamento e da crítica antropológicos. Num artigo recente e muito perceptiva, sobre a "Visão africana: a coleção de arte africana Walt Disney-Tishman" (African Vision: The Walt Disney-Tishman African Art Collection), em nossa instituição irmã, o Museu Nacional de Arte Africana (National Museum of African Art), Blake Gopnik, um crítico de arte para o Washington Post, disse o seguinte:

São as palavras 'africana' e 'arte' que podem desestabilizar o visitante reflexivo. Começemos com Arte.

Do ponto de vista ocidental, a nação opera sem problemas. A mostra está cheia de gloriosos objetos esculturais - cabeças e figuras, máscaras e bastões, um painel ocasional em relevo - que a fazem muito similar a outras mostras que já vimos. Nada diferente dos Rodins e Brancusis expostos na National Gallery.

Do ponto de vista dos africanos que fabricam e usam tais objetos, entretanto, não está claro se essas idéias sobre arte pronta em museus são uma boa abordagem. (...)

Outros objetos africanos foram criados para os rituais mais privados, mais exclusivos. A idéia de que pessoas totalmente estranhas, de todos os sexos e culturas, desfilariam diante deles apenas por prazer, teria sido estranha à maioria das pessoas que os fabricaram e utilizaram.

Em 2006, o NMAI abriu uma exposição temporária intitulada "Identidade pelo desenho: tradição, mudança e celebração nos vestidos das mulheres nativas" (Identity by Design: Tradition, Change, and Celebration in Native Women's Dresses). Em minha introdução ao catálogo dessa exposição, eu a analiso ao inverso de Gopnik, meu positivo sobre o negativo.

Como Diretor do Museu do Índio Americano, tive a missão de certo modo irônica de enfatizar que nossas extraordinárias coleções de objetos nativos - cerca de 800.000 trabalhos de estonteante beleza e inegável valor - são secundários para os povos nativos em termos de significação cultural. O que quis dizer foi que nossa instituição é fundamentalmente mais um centro cultural do que um museu, mais um lugar de culturas vivas do que um 'gabinete de curiosidades'. Os objetos que temos o privilégio de ter sob nosso cuidado não são um fim em si mesmos, mas modos de entender e apreciar a identidade dos povos e comunidades nativas, em sua evolução e em todas as suas múltiplas dimensões.

Este compromisso de inclusão e diferença, esta torção do paradigma interpretativo convencional em sua essência - qualquer que seja o modo como se deseja caracterizá-lo - não acontece sem implicações. Especificamente, assinala um movimento claro e importante nas relações interpretativas e de poder - como apontado pela já citada professora Claire Smith:

Ao decidir criar um museu no qual os nativos americanos contam suas próprias histórias, não empanadas pelas lentes interpretativas da sociedade dominante, o NMAI realizou seu potencial de prover uma riqueza sem precedentes na interpretação e de oferecer raros insights sobre as vidas dos povos nativos. Novas visões, dirigidas pelos olhos indígenas, estão abertas ao público.

(...)

A concessão de poder as novas vozes, entretanto, pode também envolver uma diminuição de autoridade das vozes estabelecidas. Ao ampliar o conceito de autoridade para incluir as vozes dos povos indígenas, muitos dos quais sentem que foram selecionados por demasiado tempo, o NMAI, intencional ou inadvertidamente, desafia a posição dos povos não-indígenas como autoridades em cultura indígena.

E o Museu Nacional do Índio Americano sabe muito que esses movimentos fundamentais muitas vezes não serão recebidos com leveza, particularmente entre os críticos cujos paradigma museológico emana de origens mais convencionais. Um crítico

de uma das publicações americanas mais destacadas, o New York Times, lamenta profundamente que o NMAI estivesse se afastando do “museu como um templo, com seu clero superior, auto-governante”, e opina que o museu deveria ter-se movido ‘na direção oposta’. Ele opõe-se ao fato de o museu disponibilizar objetos para as tribos “para uso ritual”, acreditando que este tipo de sensibilidade constitui evidência de uma “negação estudada do conhecimento”. E expressa aberta indignação a respeito das escolhas específicas feitas pela comunidade nativa Tohono O’odam, do Arizona, na abertura da exposição permanente do NMAI, “Nossos Povos” (Our Peoples), quando foi solicitada a descrever os 10 eventos mais importantes de sua história.

Roger Kennedy, o já citado ex-Diretor do Museu Nacional de História Americana (National Museum of American History), analisou este artigo nos seguintes termos, talvez com palavras mais fortes do que eu teia usado - mas afinal, ele é Diretor Emérito, e tinha uma maravilhosa garra para expressar seus pontos de vista que eu, então diretor em exercício, provavelmente ainda não tinha:

O mau odor patronal que emerge desta passagem [sobre a negação estudada do conhecimento] torna-se mais forte em outra, sugerindo que a falta de “linguagens escritas detalhadas” dos povos indígenas (perdoai-me, poetas astecas e historiadores e mercadores maias) resulta de eles terem ‘tão pouco a dizer’. Compassivamente, ele esperaria que tivéssemos desejado eterno silêncio a esses cidadãos mudos, não apenas porque eram privados de uma língua, mas porque ‘tanto trauma dizimou as tribos’. Um trauma bem aplicado poderia ser bem útil para sacudir esse tipo de auto-afirmação.

(...)

Se tivesse senso de humor, um crítico desse calibre poderia ser considerado, ainda que parcialmente surdo ao numinoso, e cego às cores do simbólico. Mas o que fazer com alguém que pode escrever com indignação da resposta dada pelos Tohono O’odham, quando solicitamos a apresentar os 10 momentos cruciais na história, escolheram, em primeiro lugar, ‘os pássaros ensinam as pessoas a chamar a chuva’, e em último lugar ‘no ano 2000, um percurso no deserto para a saúde’? Os Tohono O’odam recusaram-se a ser diminuídos. Sua pequena parábola diz, com um sorriso, ‘nós ouviremos os mais velhos que ganharam o nosso respeito, mas não seremos patrocinadores por cãesinhos’. Estou com eles.

Como Diretor do Museu Nacional do Índio Americano, eu também estou certo. É isto porque tenho um compromisso ético e intelectual com a simples, mas fundamental proposta de que os povos nativos possuem um conhecimento importante e autorizado sobre si mesmos e suas culturas, do passado e do presente, e merecem estar na pauta museológica de interpretação e representação. Penso que o potencial do NMAI para um novo conhecimento e percepção dos povos e culturas nativas é real e deve ser altamente valorizado, quaisquer que sejam os desafios intervenientes e intermitentes ao longo dessa trajetória, enquanto introduzimos novos paradigmas de interpretação e representação.

Eu jamais reivindicarei, durante minha gestão como Diretor do Museu Nacional do Índio Americano, uma nova exclusividade pelo uso da voz dos primeiros habitantes, na interpretação e representação dos povos e culturas nativos. Imaginamos que o museu poderia abrir caminhos plurais para a legitimidade e relevância dessa interpretação. Tudo o que eu exijo, na verdade, é que aqueles que, como nós, trabalharam longamente - e continuarão a fazê-lo, para desenvolver novas abordagens da representação, diretamente ligadas às próprias comunidades nativas - mereçam o mesmo respeito como pesquisadores de outras categorias.

Agora, gostaria de chegar, como já prometido, à segunda parte de minha apresentação - isto é, às implicações talvez mais amplas para os museus e a cultura, da trajetória do NMAI, para criar, nessas quase duas décadas, o que eu poderia descrever como um espaço e um lugar social e cívico. O que eu provavelmente não pude ver com clareza, quando era um “diretor noviço de museu” foi a grande interconexão e integração conceitual entre a primeira e a segunda parte da declaração do Secretário Adams, já referida anteriormente nesta apresentação.

Enquanto o NMAI, para usar uma metáfora, batia à porta da curadoria museológica convencional para garantir a entrada da voz e dos pontos de vista nativos, várias conseqüências substanciais e significativas tiveram lugar - de modo virtualmente inelutável. Do ponto de vista de sua voz interpretativa e representacional, as coleções

eram importantes, mas dificilmente toda a história. Como já enfatizei anteriormente, elas eram consideradas mais valiosas para os povos nativos como chaves e pistas culturais para estes povos e para as comunidades nas quais esses objetos e pessoas viviam, no passado e no presente. E o NMAI rapidamente tornou-se, em substância, muito mais um ‘centro cultural’ no National Mall - mais do que um ‘palácio com coleções’.

“Centros culturais” podem, por definição, ser lugares muito diferentes. Não são apenas destinações unicamente culturais, definidas por um único tempo e uma única proposta, e também não são gabinetes de curiosidades para a apresentação de coleções de cultura material.

São lugares mais amplos e mais abrangentes, onde a instituição pode conectar-se aos interesses externos que se relacionam com o tema do centro cultural. Em outras instancias, os interesses externos podem utilizar o espaço físico e intelectual do centro como lugar de encontro e de colocação de questão de interesse e relevância para a comunidade, e que não tenham relação específica com a instituição cultural.

De qualquer maneira, o centro cultural é um instrumento e catalisador adjunto da comunidade - um “centro comunitário”. Entretanto, o adjetivo “comunidade” pode ser definido pelo engajamento, diálogo, debate, controvérsia, mas sempre, como descrito pelo saudoso museólogo norte-americano Steve Weil, “um lugar seguro para idéias inseguras”. Em termos práticos e operacionais, essa descrição é o que tenho em mente ao usar o termo “espaço cívico”: estou confiante de que é o que pretendia dizer Robert Adams, quando se referiu, há muitos anos atrás, ao Museu Nacional do Índio Americano como “fórum”.

Em seu *paper* intitulado “Escolhendo entre opções: uma opinião sobre definições de Museu”, minha querida amiga e colega, Elaine Heumann Gurian descreve, entre outras coisas, o modelo de “museu comunitário” da seguinte maneira, muito instrutiva para o NMAI:

Museus comunitários parecem-se poucos com museus e são frequentemente chamados centros comunitários ou culturais. São frequentemente um espaço múltiplo de organização e funções afiliadas, como uma mistura de locais de encontro, locais de reunião e palcos, escritórios, serviços de alimentação e de ensino.

Existiram museus centrados em comunidades em muitos países por muitas décadas. Museus tribais de povos indígenas frequentemente se concentram nas cidades sociais desses povos, como agenda primária. Ecomuseus são um tipo de museu comunitário, iniciados para preservar a história, o trabalho, os fazeres ou informação conhecidos apenas pelo anciãos da comunidade. Museus comunitários frequentemente tornam seus objetos disponíveis para uso cerimonial e estudo como matéria.

Os indicadores do Museu Nacional do Índio Americano como centro comunitário e cultural e como espaço cívico são abundantes. As exposições permanentes, normalmente um meio muito convencional nos museus, oferecem pistas sobre as intenções mais abrangentes e diversas do Museu Nacional do Índio Americano. As exposições contêm objetos, milhares deles, para ser exato, mas estes não determinam ou definem as instalações de modo costumeiro. Idéias e temas amplos, os povos nativos em si mesmos, e o papel das comunidades merecem o mesmo destaque, e a chave é a integração de tudo isto na apresentação. O foco nas exposições, assim como nos componentes individuais de cada comunidade nativa, é múltiplo e dirige-se a temas variados, como cosmologia nativa, operação de cassinos, questões ligadas à saúde, vida urbana indígena e direitos para a pesca e a caça.

No momento presente, iniciado durante minha gestão como Diretor, o NMAI planeja ativamente uma exposição sobre os tratados entre os Estados Unidos e as centenas de comunidade nativas, ao longo dos séculos dezoito e dezenove. Eu provavelmente não necessito explicar a essa audiência a sua importância na história da América indígena nos Estados Unidos. Mas o propósito desta exposição não é simplesmente espanar documentos dos Arquivos Nacionais dos Estados Unidos e colocá-los em vitrines de *plexiglass* em nosso museu, no National Mall. O NMAI deseja discutir esses objetos como importantes aspectos da história viva e da soberania dos povos nativos do país.

E mais, ele planeja mobilizar as comunidades nativas e outras, muito além das galerias em Washington, D.C., para engajar-se, debater e discutir esta questão frequentemente controversa da história e da política norte-americanas. As possibilidades

variam de um *blog* no *website* do NMAI a usar o *website* como veículo para permitir às comunidades nativas apresentarem, discutirem e debaterem entre si e com outras, incluindo as comunidades não-nativas, questões tais como direitos para pesca e para caça e as operações de cassinos que se baseiam em direitos estabelecidos por esses tratados.

Logo após a abertura do NMAI no National Mall, em 2004, representantes das nações Gwich'in do Norte do Alaska e do Noroeste do Canadá literalmente acamparam num pequeno parque do outro lado da rua onde está o Museu. Com alto falantes e distribuição de informação escrita, eles fizeram *lobby* junto a todos os passantes, incluindo numerosos visitantes do NMAI, desejosos de ouvi-los, com respeito a sua completa oposição, do ponto de vista cultural e religioso, à legislação então pendente no Congresso, relativa ao Refúgio de Vida Selvagem Nacional do Ártico (Arctic National Wildlife Refuge).

Eu aplaudo a escolha do local de protesto, e, de certo modo, o que mais aprecio - talvez, de modo irônico - é que eles não foram convidados. Os Gwich'in nos escolheram como local para desenvolver o que eu considero um potente fórmula de transformação: a expressão apaixonada de uma profunda aspiração.

É isto que une esses exemplos, as exposições diretamente organizadas pelo NMAI e as dos nativos, atividades externas ao museu, mais ainda sim associadas a nós. Todos tem a intenção de promover um discurso cívico mais amplo e que seja engajado, interativo, e mutuamente participativo com relação aos povos e culturas das Américas - verdadeiramente, o museu como fórum em ação.

Ao finalizar, resumindo as observações sobre o lugar do ainda jovem - mas, oh, que belo e leve jovem -, Museu Nacional do Índio Americano na história e na nossa comunidade museológica internacional, não posso deixar de recordar minha citação favorita, do Chefe Joseph, o galante e legendário patriota, chefe da Tribo Nez Percé de Idaho, nos Estados Unidos. Em 1879, logo após ele e seu povo terem quase falhado em seu heróico esforço de libertar-se dos militares norte-americanos no Canadá, numa marcha forçada e tão brilhante que ainda aparece nos livros-texto da Academia Militar dos Estados Unidos, ele fez a seguinte declaração: “se o homem branco deseja viver em paz com os índios, não há problema. Tratem todos os homens como iguais; dêem a todos a mesma chance de viver e crescer. Todos os homens foram feitos pelo Grande Espírito. Todos são irmãos”.

A pungente reivindicação do Chefe Joseph me atingiu como necessidade compulsiva de uma profunda e histórica reconciliação cultural nas Américas. Eu acredito que o Museu Nacional do Índio Americano, ao dirigir-se a horizontes mais amplos, pode contribuir de maneira significativa para este objetivo. Para a América indígena, esta instituição de culturas vivas é uma ocasião definitiva para reconciliar o presente e o futuro com um passado frequentemente atribulado e tumultuado. Do ponto de vista cultural, e para usar as palavras do Chefe Joseph, ele dá aos povos nativos deste hemisfério uma “chance equitativa de viver e crescer”. Ele assim o fará, aos dar-nos oportunidade e uma formidável instalação para mostrar e dizer ao mundo quem e o que realmente somos, e para usar novas vozes nesta mostra e neste discurso. Ele o fará usando o seu próprio capital cultural e recursos para sustentar os esforços dos povos nativos, em sua jornada cultural para a sétima geração.

Mas o Museu Nacional do Índio Americano retém uma promessa adicional, para o futuro de todos os povos, nativos e não-nativos, em seu papel de lugar de encontro e reunião para um engajamento cívico e social genuíno, não só nos seus espaços físicos, mas por meio eletrônico, em Washington e Nova Iorque, e também muito mais longe, por meio de questões, temas e tópicos que digam respeito às culturas nativas, definidas do modo mais profundo e mais amplo, no passado e no presente. E com esta qualidade de engajamento eu espero, e sinceramente, rezo para isso, quando a história for escrita, o Museu Nacional do Índio Americano será lembrado como uma pedra fundamental para um maior entendimento mútuo através do espaço e do tempo, que tenha levado a uma verdadeira reconciliação cultural, onde todos reconhecem, afinal, que “todos os homens foram criados iguais pelo Grande Espírito. Eles são irmãos”.

Muito obrigado pela sua atenção. ■